

## Por uma pedagogia crítica do fotojornalismo<sup>1</sup>

Agda AQUINO<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### RESUMO

Esse texto é um ensaio que propõe a emergência de um pensamento pedagógico crítico e estruturado para o ensino de fotojornalismo para os bacharelados de jornalismo do Brasil. Através de pesquisas prévias tanto no campo educacional quanto no jornalístico, traçamos problemas e questões que de certa forma impedem o estabelecimento do fotojornalismo com a mesma força e importâncias que as outras áreas de atuação no jornalismo. Versamos sobre o perfil dos docentes de fotojornalismo bem como sobre a necessidade de traçar estratégias coletivas para a promoção de uma formação que capacite os discentes para o exercício profissional do jornalismo de maneira tecnológica, ética, reflexiva e comprometida com a formação cidadã.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotojornalismo; pedagogia; ensino; tecnologias.

### Introdução

Trazemos aqui um agrupamento de ideias desenvolvidas ao longo dos últimos dezessete anos por esta autora, que envolve palestras, cursos, debates, concursos, experiências, diálogos com colegas e, principalmente a pesquisa e publicação sistematizada sobre o ensino de fotojornalismo no Brasil.

Sem acesso a referências que colaborem com o planejamento de ensino desse conteúdo, as docentes e os docentes de fotojornalismo parecem sempre começar do mesmo ponto e ter que percorrer o caminho pedagógico sem guia nem mapa, se lançando ao papel de educador pelo instinto, tentativa e erro. Isso também pode acontecer em outros campos clássicos do ensino de jornalismo, a exemplo de radiojornalismo e telejornalismo, mas estes não são foco desse estudo.

Com o objetivo de lançar uma propositura sobre a pedagogia do fotojornalismo, esta autora recorre não apenas às produções de outros autores do campo, mas também à autorreferência, como uma espécie de sistematização de reflexões desenvolvidas durante anos sobre o ensino de fotojornalismo no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Fotografia do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 9 de setembro de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista com Doutorado em Educação. Professora de fotojornalismo da UEPB e da UFPB, email: [profagdaaquino@gmail.com](mailto:profagdaaquino@gmail.com)

---

Acrescentamos aqui uma gama significativa de autoras e autores que também se debruçaram sobre a imagem no processo pedagógico, o que define o nosso percurso metodológico: levantamento de dados, de exemplos, mapeamento de publicações, proposituras de capacitações em formação continuada e de organização coletiva dos docentes de fotojornalismo. Desta forma damos mais um passo no caminho para elaboração de uma pedagogia crítica do fotojornalismo.

### **Quem sabe faz; quem não sabe, ensina.**

A expressão que intitula esse tópico ainda ecoa nos corredores das universidades brasileiras, sejam eles físicos ou virtuais. Ela é, na verdade, uma citação de George Bernard Shaw e o uso dessa frase, por vezes dita em contextos de descontentamento dos discentes, pode ser desmembrada em várias camadas de análise, incluindo o etarismo, a frustração do choque entre o ideal imaginado para a profissão e os conteúdos ministrados, e a lacuna gerada pelo despreparo docente (de maneira geral) para o exercício pedagógico. Isso ocorre especialmente nos campos profissionais que não são licenciaturas, a exemplo do jornalismo.

As ideias pedagógicas do governo militar ditatorial propunham uma formação produtivista e tecnicista, voltada para a industrialização do país, oficializada em 1969 com a reforma universitária (Saviani, 2013, p. 365). É nesse momento que surge o curso polivalente de Comunicação Social e a extinção dos cursos de Jornalismo que funcionavam desde 1950. Para Meditsch (2012), essa mudança foi estratégica para a crise de identidade do jornalista brasileiro e para a criação de cursos mais operacionais, onde as reflexões eram desassociadas dos saberes da profissão, algo que perdura até hoje em grande parte dos bacharelados em jornalismo no Brasil.

### **Professor, você trabalha ou só dá aula?**

Mesmo após quase uma década da implantação das atuais Diretrizes Curriculares para os cursos de Jornalismo (2013), que tentam, dentre outras coisas, reestabelecer um pensamento pedagógico baseado numa práxis, ou seja, numa proposta em que teoria e prática não se dissociam, esse parece ser um problema longe de ser sanado. As DCNs também trazem reflexões importantes sobre o perfil dos docentes: o ideal, segundo o documento, é que eles tenham a práxis do campo, a prática reflexiva ou a reflexão praticada.

---

No mesmo ano em que as DCNs para os cursos de jornalismo foram concebidas, Goursand *et al.* (2009, p. 69) propõem o que poderia ser o novo perfil do docente universitário. Elas pontuam que, nos tempos atuais, a docência universitária deve propiciar a formação de um profissional cidadão, atualizado e sempre atento às possibilidades de mudanças e melhoria das estratégias didáticas. Ainda segundo as autoras, os projetos pedagógicos que ainda versam sobre a ideia de um egresso tecnicista devem ser reajustados.

O que se espera hoje é que a formação docente seja pautada em uma diretriz político-reflexiva, ou seja, a educação deve ter ênfase na investigação da própria prática, no processo interativo, no diálogo com a situação real, enfim, deve-se formar o professor como prático-reflexivo. (Goursand *et al.*, 2009, p. 69)

Meditich (2012) propõe uma ruptura com o sistema que separa teoria da prática profissional. Essa é uma questão crucial para pensar o ensino de fotojornalismo no Brasil, tanto no que se refere aos projetos pedagógicos, fluxogramas, conteúdos curriculares, pesquisa, extensão, estágio e, claro, perfil dos professores de fotojornalismo e os espaços que eles ocupam. (Aquino, 2021)

“Professor, você trabalha ou só dá aula?” A pergunta que virou popular entre alunos de todos os níveis de formação também chega ao bacharelado em jornalismo, voltada especialmente para docentes de conteúdos laboratoriais, como a fotografia (Aquino, 2021). O que para muitos professores pode ser considerado uma ofensa ou mesmo uma oportunidade de falar de sua trajetória na profissão fora da universidade, na verdade reflete, segundo Oliveira (2020), um sintoma da precarização do trabalho docente no Brasil bem como na incompreensão social sobre o que o professor realmente faz. Talvez por isso seja comum que professores universitários dos bacharelados tenham mais resistência em se reconhecerem como educadores

O docente de jornalismo é um jornalista que atua profissionalmente com o ensino de jornalismo. Segundo o perfil do jornalista brasileiro (Mick *et al.*, 2013), 4% dos profissionais da área trabalham como professores. A pesquisa também indicou características do exercício profissional desses docentes: três quartos lecionam em cursos de jornalismo e oito em cada dez eram responsáveis por disciplinas “práticas” (terminologia usada no livro). Aproximadamente nove em cada dez foram graduados em jornalismo: metade tinha até dez anos de experiência profissional anterior ou paralela à docência; metade tinha até dez anos de carreira como professor. A Associação

---

Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), é uma parceira da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em especial no que se refere à luta pela obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão e da criação de um órgão de autorregulação do setor. Nas DCNs é explícito o estímulo a contratação de professores que sejam jornalista, em especial aqueles que tenham o perfil de mercado e da academia juntos. Os concursos públicos para jornalismo são, primordialmente, para formados em jornalismo. Isso significa que, através de entidades e documentos diversos, a docência é um campo de trabalho consagrado para atuação dos jornalistas.

### **Professora, pode tratar a foto?**

No campo científico e na práxis da educação, a importância de uma pedagogia da imagem (ou com a imagem) já é consagrada e continuamente aprofundada. Para chegarmos à propositura de um pensamento pedagógico consolidado, é necessário mergulhar nas ferramentas da práxis educacional.

Meditich (2012) é, sem dúvida, um grande nome da pedagogia do jornalismo no país. Antonioli (2006) é quem melhor organiza as documentações oficiais sobre as propostas de formação oficiais para os jornalistas vindas do Governo Federal. Outros tantos autores/jornalistas se debruçam pelo tema do ensino de jornalismo de várias formas transversais, porém é raro encontrar publicações que versem sobre o chamado “chão da escola” do jornalismo, norteamentos de como usar, desenvolver ou adaptar ferramentas didáticas para seus conteúdos. Se fizermos o recorte do fotojornalismo se torna uma missão quase impossível.

Um pensamento que defenda que o único conhecimento necessário ao professor de jornalismo é o conhecimento do campo profissional, ou das teorias do campo de pesquisa, pode acabar, por ventura, fortalecendo a ideia de um jornalismo instrumentalista. Recorrer ao campo da educação para dar base ao nosso ensinar não é a única opção de caminho, mas certamente o mais rápido, sólido e eficiente à curto e médio prazo.

### **A inteligência artificial vai acabar com a fotografia e o fotojornalismo**

Dentro do vasto universo da formação universitária em jornalismo, o campo do fotojornalismo tem suas particularidades que vão além de equipamentos ou gêneros: contar histórias com imagens fotográficas funciona em uma lógica distinta àquelas dos

---

textos, como no jornalismo impresso/web, telejornalismo e radiojornalismo. O domínio dessa narrativa fotográfica necessita de repertório promovido pela alfabetização visual, de um estudante que esteja capacitado para ter uma visão crítica da fotografia e dominar seus códigos, algo que uma educação midiática conseguiria promover. Mas a verdade é que jornalistas em geral e aqueles que buscam a formação em jornalismo nem sempre dominam essa linguagem. É aí que reside a dificuldade central para a estruturação de um pensamento pedagógico do fotojornalismo.

É necessária uma base sólida de compreensão do lugar do fotojornalismo na formação, na profissão e na missão jornalística de servir a sociedade. É imprescindível dominar as ferramentas tecnológicas e ideológicas do fazer fotográfico. É de suma importância que docentes de fotojornalismo ocupem lugares de decisão científica e pedagógica, que conheçam os regimentos formais do campo e estejam prontos para dialogar e construir novas propostas. É urgente o reconhecimento do fotojornalismo enquanto campo de reflexão e atuação com importância equânime às outras áreas de formação. A partir desse ponto será possível pensar com nitidez a maneira de distribuir o conteúdo fotojornalístico em projetos pedagógicos e fluxogramas, em estratégias didáticas ou ferramentas pedagógicas para um conteúdo que articula saberes tão complexos, desenvolver estratégias de avaliação que sejam elementos importantes no processo formativo.

A práxis fotojornalística fica fadada ao ostracismo se resistir às novas tecnologias de comunicação, já que a fotografia também é uma delas. Estar atento à incorporação das realidades e saberes dos alunos deve ser uma preocupação constante do educador em fotojornalismo. Superar a dicotomia entre teoria e prática, assumir um lugar de alto valor na formação e na profissão, promover estratégias educacionais para situações específicas, promover o protagonismo de pessoas marginalizadas com a intenção de empoderá-las do lugar de autor das imagens fotojornalísticas, são passos que precisam ser dados para alcançar uma pedagogia crítica do fotojornalismo. O detalhamento das proposituras desta autora, bem como o arcabouço reflexivo que os sustenta, serão apresentados no GP e no artigo completo, caso este resumo seja aceito.

### **Conclusões**

A luta pela educação libertadora necessita de uma vigília constante e de indivíduos e coletivos atuantes. Se levarmos em conta os quase 400 cursos de jornalismo que existem no Brasil, temos centenas de professores de fotojornalismo que

poderiam se unir para lutar pela volta irrefutável do fotojornalismo à legislação educacional que rege os cursos de jornalismo, e sua implantação eficiente nos Projetos Pedagógicos, perfis dos egressos e possibilidades de estágio.

Coletivamente teremos mais força para que a luta pelo diploma também inclua a atuação profissional enquanto fotojornalista, que o Ministério do Trabalho Emprego atualize a definição da função de fotojornalista, por melhores condições de trabalho, pela inclusão de mais mulheres no campo, na pesquisa e na docência, pela multiplicidade de olhares na feitura das imagens que serão usadas na mídia. É preciso conseguir espaços nos eventos de importância nacional, como o Intercom Júnior, que não inclui fotografia no GT de jornalismo; na SBPJor e na Compós, que ignoram a fotografia e, conseqüentemente o fotojornalismo, como campos que merecem um espaço em suas ementas e grupos de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Ensino de Jornalismo: e Legislação Educacional**. São Paulo: L'Editora, 2006.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **FOTOJORNALISTA: o profissional marginalizado na legislação jornalística brasileira**. ÂNCORA – Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 32-49, jan/jun 2021. 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/58110/34067> Acesso em 10 de julho de 2022.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Uma arqueologia do discurso sobre o ensino de fotografia no bacharelado em jornalismo no Brasil: o status marginal do fotojornalismo**, 2021. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021c. Disponível em: [file:///C:/Users/AGDAAQ~1/AppData/Local/Temp/MicrosoftEdgeDownloads/422e5f25-c49d-446f-93c0-e3f06c5b2ced/AgdaPatriciaPontesDeAquino\\_Tese.pdf](file:///C:/Users/AGDAAQ~1/AppData/Local/Temp/MicrosoftEdgeDownloads/422e5f25-c49d-446f-93c0-e3f06c5b2ced/AgdaPatriciaPontesDeAquino_Tese.pdf). Acesso em julho de 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função social da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular. 2012.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupação: **Repórter Fotógrafo**. 2020b. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/261820-reporter-fotografico>. Acesso em: 11 jun. 2020.